

Deixar o bebé ao cuidado de estranhos é uma das provas mais difíceis que os pais têm de enfrentar. Porém, estudos e pediatras demonstram que sair cedo do ninho pode até ser positivo desde que se procure qualidade e não se descure que a família continua a ser o fator mais determinante no desenvolvimento infantil

Desde o momento em que um filho nasce, os pais aprendem a separar-se dele. E uma das primeiras grandes provas que são levados a enfrentar é aquela em que o bebé sai do ninho exclusivamente familiar para frequentar uma creche. A necessidade de colocar o rebento ao cuidado de estranhos lança os pais num vórtice de ansiedade que os leva a visitar todos os estabelecimentos da sua área de residência, a compará-los entre si e a descartar a maioria por não cumprirem os requisitos básicos. Encontrado o local certo, a etapa seguinte não se afigura mais fácil: deixar lá o bebé simboliza o fim do idílio e o início de uma realidade feita de horários, atrasos, compensações, gestão e muita culpa.

Os medos nesta fase são muitos e variados, mas o principal talvez se resuma à pergunta: será a ida para a creche prejudicial ao desenvolvimento da criança? Se a maioria dos progenitores encara esta fase como um ‘mal necessário’, os estudos disponíveis demonstram que uma creche de boa qualidade pode ter um impacto positivo no crescimento infantil. Um dos mais fiáveis, levado a cabo nos Estados Unidos pelo National Institute of Child Health and Human Development (NICHD) — que seguiu, de 1991 a 2007, mais de mil menores com idades entre um mês e os quatro anos e meio — concluiu que, seja qual for o tempo de permanência na creche, o desenvolvimento da criança será sempre mais influenciado pelas características parentais e da família. Por outro lado, não encontrou diferenças de desenvolvimento entre as crianças que ficaram ao cuidado das mães e as que receberam cuidados externos desde tenra idade.

Num mundo ideal, a criança só deveria ingressar na creche aos três anos, porque é quando começa a socializar”, contrapõe Maria Júlia Guimarães, presidente da Sociedade Portuguesa de Pediatria do Neuro desenvolvimento. Porém, “uma vez que ninguém nasce com três anos, as mães trabalhadoras precisam de um estabelecimento de guarda desde mais cedo”. Sendo esse passo incontornável na maioria dos casos, é importante ter em conta a idade em que dá-lo pode tornar-se mais difícil: “Dos nove meses ao ano e meio, o bebé está no auge da chamada ‘reação ao estranho’ e mais ligada afetivamente ao seu cuidador, pelo que oferecerá mais resistência. Convém que a ida para a creche aconteça antes ou depois desta fase.” Para a pediatra, qualquer escolha deve valorizar “menos a preocupação pelas aquisições cognitivas e mais a capacidade de empatia do cuidador”.

Paula Julião, educadora de infância há 21 anos, concorda: “Um educador mais concentrado na parte cognitiva e que se esqueça do resto não terá um grupo com bons resultados. O lado afetivo motiva a criança a aprender.” Se a educação começa em casa, é também um trabalho de equipa, pois “o ‘terceiro adulto’, o educador, deixa de ser um estranho e passa a fazer parte da vida da criança.” Em alguns casos, o seu treino pode resultar num tipo de atenção mais eficaz para o desenvolvimento infantil do que, por exemplo, a dos avós. Assim destaca outro estudo realizado este ano pela economista Daniela del Boca, da Universidade de Turim, que em parceria com o grupo alemão IZA World of Labor revelou: “Em comparação com os cuidados não-parentais informais — ama ou avós —, os cuidados formais — creches — podem obter melhores resultados no que toca à preparação para a escola e à capacidade de resolver problemas.” Segundo esta pesquisa, o cuidado dos avós mostrou também tendência para “aumentar o mau comportamento” da criança.

Mais do que o binómio creche vs. pais ou creche vs. avós, a ênfase deve ser colocada na qualidade dos cuidados. Para Mário Cordeiro, “a creche é uma opção que não se deve diabolizar e que, se for de qualidade, a médio e longo prazo não fará uma grande diferença”. Pode até dar regras, normas e rotinas, “mesmo que de forma um bocado estandardizada”, indo “ao encontro da criatividade de que as crianças precisam nestas idades”. Dois aspetos preocupam o pediatra: os estabelecimentos que são meros “depósitos” e os pais que tudo fazem para compensar o tempo passado longe dos filhos. Quanto ao primeiro, “aconselho os pais a serem consumidores muito exigentes, a não se eximirem das suas responsabilidades e a intervirem sempre que necessário”. Já em relação ao segundo, mais complexo, diz Mário Cordeiro: “Os bebés aprendem a distanciar-se dos pais sem sofrer. E é importante que o reencontro não sirva para os tentar compensar, deixando a criança abusar e cedendo a birras e chantagens emocionais.” Quem disse que educar (filhos e pais) era coisa fácil?

[**Luciana Leiderfarb**](https://expresso.sapo.pt/autores/2015-05-02-Luciana-Leiderfarb-1)

*(Texto originalmente publicado na edição do Expresso 2237)*

*“Vamos imaginar a seguinte situação, uma criança está a brincar com um carrinho... aquele carrinho novo da escola que tinha estado nas mãos de outro menino e só agora teve a oportunidade de agarrar. Começa a estudar e a experimentar o brinquedo e simultaneamente começa a sentir o seu entusiasmo crescer com a descoberta e com a experimentação. Agora, aproxima-se outra criança também ela interessada no brinquedo (que ainda por cima é novo!) e começa a tentar tirar-lho (porque não? Encontra-se em plena fase de "quero, posso e mando", certo?). Perante essa situação, poderíamos imaginar um diálogo entre as duas crianças:*

*- Este brinquedo é muito giro, fiquei muito tempo à espera de o ter. Quero brincar com ele mais um bocadinho.*

*- Estou mesmo na fase em que estou a descobrir as coisas todas que dá para fazer com ele. Ainda por cima, ainda não aprendi a partilhar. Se mo tentares tirares, vou ficar muito zangada.*

*- Eu também quero experimentar esse brinquedo. Parece giro e divertido. Principalmente porque te vejo tão feliz com ele. Ainda não aprendi a esperar e, quando tenho que esperar por alguma coisa, fico muito irritado. Vou ficar zangado se não mo deixares agarrar.*

*Qual é o diálogo possível? Uma criança diz Não!. A outra insiste Quero!. Resultado? Uns empurrões, uma dentada e choro! Tudo em poucos minutos (às vezes menos). Nesta fase, o uso de força física substitui a comunicação oral, que ainda não consegue acompanhar o raciocínio e as emoções.”*

**Porque é que acontece?**

Entre os 12 e os 24 meses, a criança encontra-se em plena fase de omnipotência, acreditando que é o centro do mundo. O mais importante da vida, é a gratificação dos seus desejos e necessidades físicas e psicológicas.

Aliado à fase de descoberta, curiosidade e enorme aprendizagem em que se encontra, partilhar os objectos de interesse torna-se uma tarefa quase impossível. Por outro lado, os estados emocionais são para ela ainda um mistério. E ainda não consegue expressar zanga e frustração sem ser através de intensas birras ou de comportamentos que aos nossos olhos parecem muito agressivos. Todos estes factores combinados, fazem da dentada, dos empurrões e/ou aranhões a forma possível da criança se expressar em determinados momentos.

Se dói a quem recebe a dentada? Dói. Mas o objectivo da criança não é necessariamente atingir o outro mas apenas libertar ou manifestar o que está em si.

Em "O Grande Livro dos Medos e das Birras", o pediatra Mário Cordeiro explica as dificuldades de expressão na criança e as suas consequências no comportamento referindo que "a linguagem receptiva média de uma criança com 2 anos é de milhares de palavras, enquanto a linguagem expressiva é de apenas 150 a 200 palavras. Só este dado causaria uma enorme frustração (um pouco à semelhança dos adultos que perdem a fala por qualquer razão). Tentar responder a uma frase complexa, que é entendida pelo bebé, mas não tendo vocabulário suficiente ou imaginação gramatical para poder expressar os sentimentos ou verbalizar o que quer dizer, é muito traumatizante. E, falhando a linguagem verbal, só resta a linguagem corporal... agravado pelo desatino que existe pela nova frustração de não poder expressar verbalmente o que desejaria dizer." (Mário Cordeiro, 2013)

**E da parte dos adultos?**

Antes de mais, é fundamental explicar que aquele comportamento não é adequado e, por isso, quem mordeu deverá naturalmente ouvir um firme e compreensivo NÃO. Por outro lado, será importante assumir o papel de "tradutor" da linguagem corporal, para ambas as criança. Assim, não tendo ainda capacidade para se exprimir nem compreender totalmente os seus estados emocionais, vão interiorizando um modelo alternativo.

Um exemplo seria Não se morde! (introduzimos o interdito). Ficaste zangado porque querias continuar a brincar (damos nome ao estado emocional). Mas não se pode morder porque quando mordemos magoamos o amigo (apresentamos um efeito que não era o pretendido). O teu amigo também queria brincar com o mesmo brinquedo e não conseguiu esperar que acabasses (sem validar, explicamos o outro lado). Porque não tentam brincar juntos? (uma alternativa ao conflito). Claro que a criança não deixa automaticamente de morder (é um processo). E claro que não começa imediatamente a exprimir as emoções. E claro que não começa logo a brincar em conjunto e a partilhar. Nesta fase, trata-se apenas de a ajudar a interiorizar e olhar para a situação de outra forma. Começamos a falar com um bebé muito antes dele ser capaz de nos responder ou reproduzir o nosso discurso, não é? Aqui trata-se de fazer o mesmo. Fundamental será evitar comentários como "és mau", "não brinques mais com ele", etc... Para além de não resolver nada, dá à situação uma carga de culpa, intencionalidade e negativismo que não existe à partida, mas que pode passar a fazer parte das situações seguintes. Desta forma, uma reacção inofensiva e que à partida é normal, pode tornar-se, aí sim, um problema.

Se for uma situação repetida e com uma criança mais crescida (2 a 3 anos) então afastá-la do grupo por uns minutos (2 a 5 minutos) pode ser uma forma de a ajudar a perceber que aquele comportamento não é aceitável. Se for um comportamento persistente e que ultrapasse a vertente de expressão, então talvez tenha chegado o momento dos pais e da equipa conversarem.

**Impedir as mordidas?**

Acreditar que é possível por parte da equipa pedagógica que acompanha o grupo, impedir que isso aconteça é ilusório e muito distante da realidade da interacção infantil. Quando duas crianças pequeninas brincam em conjunto (o que, em certas fases do desenvolvimento, só por si já é uma proeza), uma interacção pacífica muda de "figura" numa fracção de segundos e sem que por vezes seja possível para o adulto prever. Ainda bem que assim o é. Imaginem este mundo, se impedíssemos o Ser Humano de experimentar os seus limites e os do outro, quando ainda é pequeno e sem que isso represente danos de maior para nenhum das partes!

Será assim tão desejável impedir completamente as mordidas, empurrões e aranhões? Imagine, por exemplo, o que é para uma criança confrontar-se com a agressividade dos outros apenas aos 6 anos. Aí, possivelmente já sob a forma de agressão mais elaborada e organizada. Este "ataque feroz" pode passar por um "não gosto de ti", "não quero ser teu amigo", "és gorda ou feia", etc. Uma criança que nunca foi "atacada" não saberia que aquelas acções reflectem muito mais o outro e aquilo que ele está a sentir (zanga, frustração, medo, tristeza) do que a definem a ela. Não tendo levado "dentadas" quando podia, mais tarde, fica a mercê de palavras e comportamentos (potencialmente) devoradores da sua autoestima.

Mais ainda, se crescer sem "morder" ninguém, poderia tardiamente descobrir em si mesma uma agressividade com a qual ela não aprendeu a lidar. Essa agressividade desconhecida pode ser também demasiado pesada para ela carregar. Por um lado, é importante que a criança esteja preparada para receber um ataque mantendo a sua autoestima intacta e, por outro, é fundamental que fique a conhecer os seus limites e aprenda a gerir a sua própria agressividade. Claro que os pais preferem, em certa medida, negar a existência de agressividade nos seus filhos. Mas não esqueçamos que a agressividade tem muitas formas de se manifestar e piores ainda de se não manifestar.

Importante

É frequente nesta fase as crianças adoptarem comportamentos de desafio, quase que como dizendo "por favor morde-me, porque eu não sei ainda até onde posso ir, e também não sei até onde tu podes ir". A saúde leva-os a querer aprender a vida. Isso é tão bom! Assim tenham os adultos a capacidade de entender estas crises, pelo potencial de aprendizagem que trazem à criança. E ambos aprendem que por vezes, este mundo dói, e que, por vezes, fazemos doer o mundo. É por essa razão que, enquanto podemos, o melhor é aprender a defendermo-nos dos outros e de nós mesmos. O nosso presente e o nosso futuro agradecem!

Adaptação de: "Por favor, morde-me!" Compreender e lidar com as dentadas na creche

Ana Guilhas, Psicóloga